

# O Equilíbrio Equestre

Pelo 1.º Ten. Manoel Garcia de Souza

Tendo encontrado no equilíbrio equestre uma complexidade enorme, resultando uma confusão sobre os vários graus de equilíbrio que um cavalo pôde ter, procurei, tanto quanto possível, coordenar tudo que se referisse a este assunto, com o fim de, bem orientado, satisfazer ao princípio da nobre arte.

“O ensino do cavalo deve ter o equilíbrio por fim”.

O equilíbrio hípico é um equilíbrio complexo. Ele não é somente o resultado duma certa repartição de peso, mas sobretudo a consequência da relação íntima que a natureza estabeleceu entre as forças com a ajuda da qual funciona a máquina animal.

O cavalo não montado e vivendo em liberdade é perfeitamente equilibrado; isto se conclue observando-se seus movimentos fáceis, elásticos, graciosos e a facilidade com que dispõe de todas as suas forças. Por conseguinte este é o *equilíbrio natural*, no qual todo o cavalo se mantém, quando está entregue a si mesmo.

Montado pela primeira vez, o cavalo perde todas as brilhantes qualidades que apresenta quando em liberdade.

Qual a causa que determinou esta mudança?

O peso do cavaleiro que, castigando o dorso e sobre-carregando fortemente o ante-mão, destrói repentinamente a harmonia natural das suas forças.

As experiências de Morris e Baucher, confirmadas pelas do Cap. Dumas, executadas em colocando as extremidades posteriores e anteriores de um cavalo sobre os pratos de uma balança, prova que mais ou menos 2/3 do peso do cavaleiro sobrecarrega o ante-mão.

Convem frisarmos que não é somente o aumento de peso que lhe produz tão grande alteração, são também as inúmeras contrações no sistema muscular provocadas por este peso e pelas resistências opostas às ações voluntárias ou involuntárias das ajudas dadas pelo cavaleiro.

Há por conseguinte uma rutura do equilíbrio natural existente entre o ante-mão e o post-mão do cavalo que modifica suas andaduras naturais e o obriga, pelo seu próprio instinto, a procurar restabelecer o equilíbrio, tomando as atitudes que mais lhe favoreçam.

Portanto, a primeira atenção do cavaleiro será facilitar, por todos os meios possíveis, a reconstituição deste equilíbrio; no entretanto, não esqueçamos que nunca o cavalo será capaz de se colocar nas condições de equilíbrio que lhe são naturais quando em liberdade, porque a experiência prova que elle procurará a atitude mais cômoda momentaneamente, sem se preocupar com os inconvenientes futuros.

Pois bem, colocar o cavalo montado, tanto quanto possível, nas condições do seu equilíbrio natural é a pedra de toque da equitação.

Compreende-se perfeitamente quanto a conformação do animal influirá na facilidade ou dificuldade de obter-se o seu equilíbrio natural ou que dêle se aproxime.

Por esta razão, a procura do equilíbrio perdido lhe é ensinado por meio de um exercício ginástico que lhe amolece (flexiona) as articulações e fortifica-lhe os músculos.

Isto se pratica por intermédio de certos agentes (as ajudas) com os quais é preciso começar imediatamente a familiarizar o cavalo e lhe fazer ceder a ação de cada um.

Em consequência, o grau de equilíbrio de um cavalo é dado pela facilidade maior ou menor com que obedece às indicações do cavaleiro e se fazem as deslocções de peso em todos os sentidos.

Equilibrar um cavalo é pois obter uma justa repartição do peso e uma regularização harmônica de suas forças.

O cavalo está tanto mais equilibrado, quanto mais suaves, ligeiros e imperceptíveis forem os meios que o cavaleiro lhe precisa dar para modificar a disposição da massa sobre as quatro colunas de apoio e para o manejar.

O equilíbrio é função:

A) da orientação das diversas alavancas que accionam a massa.



B) de sua simetria.

C) da calma do sistema nervoso que rege os movimentos e

D) do bom acôrdo entre as forças morais e físicas.

Dal estabeleceremos uma escala de equilíbrios pela qual aferimos nossos cavalos que em linhas gerais se resumem na seguinte:

## I — EQUILIBRIO SOBRE AS ESPADUAS —

E' o que comumente chamamos de cavalo sobre as espáduas, o animal se apresenta de cabeça e pescoço baixos, pesa muito na mão, sendo difícil de deslocá-lo e pará-lo, em consequência do excesso de peso que tem sobre as espáduas.

Encontramos frequentemente no cavalo novo e *frisante* no cavalo debruçado, isto é, aquêle que tem o ante-mão mais baixo que o post-mão, por conseguinte naturalmente, por sua própria conformação, mal equilibrado.

Este grau de equilíbrio é inaceitável a qualquer cavaleiro que deseja praticar a arte de montar a cavalo.

II — *EQUILIBRIO HORIZONTAL* — O bom equilíbrio para o cavalo de tropa, de serviço e sobretudo de salto, pois que já se o dirige com maior facilidade; seu pescoço e cabeça apresentam-se mais elevados e a mão do cavaleiro não sente a sensação de um peso e sim um contacto permanente, tornando o cavalo direito, formando um todo distendido sobre a extensão de suas linhas naturais, quer sejam estas transversais ou longitudinais. A aquisição tanto mais confirmada deste equilíbrio é a base promissora para obter-se o seu equilíbrio que tinha antes de conhecer o peso do cavaleiro.

III — *EQUILIBRIO NATURAL* — Nestas condições, o animal adquiriu, sob o peso do cavaleiro as condições de equilíbrio que a natureza lhe dotou. É nele que o cavaleiro consegue seus movimentos com finas indicações de mãos e de pernas por isto também chamado equilíbrio sobre as *pernas*.

É interessante distinguir-se que a maior das vezes e sempre em função da sua conformação, o cavalo não adquire este equilíbrio, isto é, não tem a igualdade dos movimentos quando em liberdade, muito embora o animal apresente as mesmas características que foram conseguidas pelas compensações que o cavaleiro estabeleceu, em estudando meticulosamente a sua forma para criteriosamente contrabalançar os defeitos encontrados. Deste ponto para o 1.º grau do equilíbrio seguinte, é somente uma questão de aperfeiçoamento do sistema cavalo-cavaleiro.

IV — *EQUILIBRIO ARTIFICIAL* — Definido perfeitamente pelo deslocamento do peso para trás, obtendo-se o trabalho com a garupa mais baixa que o ante-mão, o que só se dá com o engajamento dos membros posteriores debaixo da massa, diminuindo, por conseguinte, a sua base de sustentação que limita o grau máximo do equilíbrio artificial. O equilíbrio nestas condições não é uma coisa nem científica, nem matemática e sim tão somente artística. Portanto, sob este ponto de vista, o equilíbrio do cavalo é tanto mais perfeito, quanto mais instável for e é tanto mais instável quanto mais os membros posteriores se aproximam dos anteriores. Em consequência, podemos ter neste equilíbrio muitos graus que determinam seu aperfeiçoamento, pela imperceptibilidade dos meios da execução dos movimentos do cavalo e a entrega de suas forças ao controle absoluto do cavaleiro.

Nesta altura, praticamos a *equitação sábia*.